

E registem o que escrevo: não hei-de morrer sem ver o FC Porto ultrapassar o Benfica em número de campeonatos conquistados, Miguel Sousa Tavares, "A Bola", 22 de Março de 2011



Estamos a menos de um mês da realização do primeiro voo civil a partir do **NOVO AEROPORTO** de Beja. Mas a barafunda continua. Depois de a GNR disputar o policiamento do equipamento à PSP, agora são as autoridades civis que ainda não se entenderam para colocar em prática um plano de emergência em caso de acidente. PB

Opinião



"Há dias em que acredito no meu valor e potencialidades e penso positivo, mas também há outros em que desespero e digo vou-me embora para o estrangeiro!", Diogo Vivas, mestrando em Ciências da Informação e da Documentação, ao "Brados do Alentejo", 17 de Março de 2011

O lixo

Francisco Pratas Jornalista

A juventude do meu tempo, aqueles mais endiabrados, os denominados "moços da rua", sempre tiveram uma grande atracção pela "Estrumeira da Câmara", espaço de terreno a pouco menos de uma dezena de quilómetros da cidade, no dito qual se acolhiam os despejos de todo o lixo de um urbanismo que, já por esses recuados tempos, teimava em crescer.

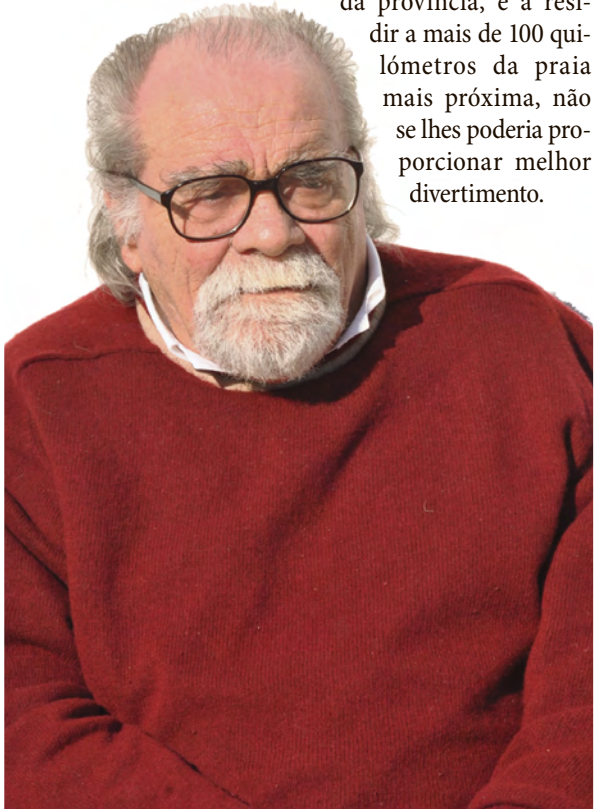
Pois a dita "Estrumeira da Câmara", denominação que popularmente se dava àquele recinto era, de facto, uma verdadeira tentação para aqueles azougados moços, quais improvisados garimpeiros, em busca de insólito minério, por tais caminhos se metiam.

Moços expostos ao perigo das mais variadas doenças, munidos de pequenas ganchas que lhes serviam para revolver o acumulado lixo e nele descobrir a tentadora lembrança. Por vezes valioso achado, que um descuido ou uma menor atenção, alguém deixou ir no lixo. Assim, de mistura com um desarticulado brinquedo que o feliz achador entendia possível de fácil restauro, lá vinha na gancha um pequeno brinco ou anel, de cuja qualidade nunca se duvidava. Eram pois estes surpreendentes achados o íman tentador que arrastava para tão insólito lugar os mais aventureiros do bairro, levando-os a trocar as ruelas da velha urbe, por aquele tentador espaço de terra, onde a descoberta do desconhecido, era a tentação maior de quantos se atreviam a invadir a imunda lixeira da minha terra.

E quantos deles não trocavam a hora das aulas pela insólita labuta à "Estrumeira da Câmara" como era conhecido tão inefável lugar.

Certa ocasião dispus-me a acompanhá-los. Sinceramente, não tive coragem de penetrar naquele mundo imundo. No decorrer dos encontros que eles mantinham com a descoberta, molhava eu os meus pés no estreito regato do "Poço dos Frangos" ou refrescava-me à sombra do canavial, absorvendo o agradável odor da folha de mentraste, que estremava o pequeno fio de água a quem a malta chamava barranco.

Eram tardes que o destino nos reservava, que a moço da província, e a residir a mais de 100 quilómetros da praia mais próxima, não se lhes poderia proporcionar melhor divertimento.



Europa deve liderar energia limpa

Maria da Graça Carvalho Eurodeputada

Sustentei recentemente, num artigo escrito em conjunto com J. Rifkin para a "European Energy Review", que o mundo se encontra no limiar da terceira revolução industrial. Este fenómeno mundial caracteriza-se pela convergência entre as redes de comunicação globais e as novas formas de produzir, distribuir e armazenar energia. É razoável esperar que esta convergência venha a ter, no século XXI, um impacto económico tão poderoso ou maior do que tiveram a primeira revolução industrial, no século XIX, e a segunda revolução industrial no século XX. Estas duas últimas ocorreram, respectivamente, em resultado da convergência entre as tecnologias de impressão e a máquina a vapor, baseada no carvão, e da convergência entre as comunicações assentes na electricidade e o motor de explosão, movido a gasolina.

A Europa está relativamente bem posicionada no sector das energias limpas. Mas estudos recentes indicam que a China tem vindo a impor-se como líder global na produção de energia eólica e solar fotovoltaica. Se a Europa nada fizer nos próximos tempos, perderá a sua posição de vanguarda e, depois, terá muita dificuldade em recuperá-la na concorrência com as economias emergentes, muito dinâmicas e competitivas.

Apesar de não estarem tão adiantados como a Europa, os Estados Unidos também pretendem disputar a liderança neste sector. Mostra-o o repto lançado por Barak Obama, no seu discurso do Estado da União, exortando a nação americana a reafirmar a sua liderança no mundo através duma aposta forte e corajosa na inovação centrada, sobretudo, no desenvolvimento das tecnologias de produção de energia limpa e renovável. Segundo o presidente americano, "a nação que vier a liderar a economia da energia limpa, será a nação que virá a liderar a economia global". E a ideia de Obama foi desafiar os Estados Unidos a serem essa nação.

Se tudo isto representa um desafio relativamente recente para os Estados Unidos, já na Europa, o papel das energias limpas e renováveis, enquadrado no combate às alterações climáticas e nas políticas de crescimento económico sustentável, faz parte de uma visão de futuro acalentada há anos por várias organizações e instituições europeias. Mas a esta visão falta ainda a veemência, a ousadia e a ambição de uma liderança forte.

Prova-o o último Conselho Europeu de 4 de Fevereiro que não abordou as questões decisivas da inovação e da produção de energias limpas, tão importantes para a criação de emprego e para a competitividade da economia europeia.

A próxima oportunidade será o Conselho Europeu de 24 a 25 de Março. Cada dia que passa torna as acções necessárias para alcançar uma posição de liderança na economia global mais ousadas e dispendiosas. Os europeus exigem e merecem que o Conselho Europeu de final de Março debata de forma aprofundada um novo modelo económico de crescimento para a Europa. Um modelo de crescimento que permita à Europa assumir a liderança da terceira revolução industrial e assim tornar-se um farol de esperança para todo o mundo, à semelhança do que aconteceu no limiar do século passado.

Ontem, hoje e amanhã

Luís Covas Lima Bancário

País esquisito, este nosso cantinho à beira-mar plantado. Da grandiosidade de outros tempos, da descoberta dos caminhos marítimos, de novas rotas e conquistas. Trocámos o Tratado de Tordesilhas pelo Tratado de Lisboa que nada diz a ninguém. Antes, tínhamos Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães, agora temos José Sócrates e uns quantos burocratas que lhe prestam permanente vassalagem.

O actual primeiro-ministro pode não ser navegador, não é com certeza um conquistador mas é um credenciado actor. A verdadeira figura de cartaz, sempre de nariz empinado, possessivo, demasiadamente seguro e anormalmente confiante. Eu quero, posso e mando. É do tipo, antes quebrar do que torcer. É o protagonista principal. Todos os outros são actores secundários, não contam. São e servem para fazer número. E nós somos meros espectadores, expectantes mas perfeitamente passivos e pacíficos, à espera de algo que não sabemos bem o quê. É exímio na táctica, tem vocação para debates políticos e arte suficiente para ludibriar qualquer questão mais exigente.

Este imenso Atlântico foi ponto de partida, verdadeira fonte de inspiração dos nossos navegadores, na procura incessante do desconhecido e na esperança de alcançar novos mundos. Agora, temos a Europa, somos um país que quer ser global, sem rumo e quase sempre dependente de directrizes dos governos centrais desta Europa, alegadamente destemida e farta de parasitas. Dantes andávamos à bolina, por vezes tínhamos sorte, tínhamos naus e caravelas, agora andamos à deriva, normalmente temos azar, mas mesmo assim ainda temos fragatas e submarinos.

Uma nação que se tenta reencontrar, definir e posicionar. O passado e o presente. As jovens gerações de hoje, que "de rasca" não têm nada mas que "à rasca" estão, anseiam por um futuro melhor, querem acreditar, que apesar das ameaças do "Cabo da Tormentas", ainda irão a tempo de encontrar as suas oportunidades, para descobrirem novos caminhos, outras rotas e muitas conquistas.

